

VIA TEOLÓGICA

Volume 50 – Número 25 – dez./2024
ISSN 2526-4303

AS INFLUÊNCIAS DO JUDAÍSMO E HELENISMO NO CORPUS PAULINUM

THE INFLUENCES OF JUDAISM AND HELLENISM ON
THE CORPUS PAULINUM

Dr. Leonardo dos Santos Silveira
Me. Ulicélio Valente de Oliveira



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS INFLUÊNCIAS DO JUDAÍSMO E HELENISMO NO CORPUS PAULINUM

THE INFLUENCES OF JUDAISM AND HELLENISM ON THE CORPUS PAULINUM

Dr. Leonardo dos Santos Silveira¹

Me. Ulicélio Valente de Oliveira²

1 Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Bacharel em Teologia pela FAECAD; Bacharel em Letras-Grego pela UFF; Licenciado em História pela UNESA e em Filosofia pela UNINTER. Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT-RJ). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>>. E-mail: prof.leosansil@gmail.com.

2 Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com.

RESUMO

Os estudos acerca do apóstolo Paulo continuam chamando atenção dos diversos pesquisadores do Novo Testamento no século XXI. Isso demonstra o quanto há ainda terrenos a serem explorados com o objetivo de estabelecer o que Paulo ensinava em suas cartas. Sua teologia tem relação direta com sua vida, com seu contexto histórico-cultural. Esse artigo tem como objetivo ressaltar que o estudo de Paulo interage com dois mundos, o judaico e o grego (greco-romano). Para tanto, o artigo está dividido em dois momentos, além da introdução e das considerações finais. Primeiro, a influência judaica de Paulo, atravessada por sua vida em Tarso, sendo assim um judeu da diáspora. Segundo, sua influência grega, helenística, onde argumentos, termos e ideias do apóstolo dos gentios apontam para uma leitura em diálogo com o pensamento filosófico platônico e, sobretudo, estoico. Sendo assim, o artigo conclui refletindo acerca da importância de um estudo de Paulo que contemple essa realidade e, com isso, visa contribuir para a compreensão da propagação do evangelho no cristianismo das origens.

PALAVRAS-CHAVE

Paulo. *Corpus Paulinum*. Teologia Paulina. Judaísmo. Helenismo.

ABSTRACT

Studies on the apostle Paul continue to attract the attention of many New Testament researchers in the 21st century. This demonstrates how much ground there is still to be explored in order to establish what Paul taught in his letters. His theology is directly related to his life and his historical and cultural context. This article aims to emphasize that the study of Paul interacts with two worlds, the Jewish and the Greek (Greco-Roman). To this end, the article is divided into two parts, in addition to the introduction and final considerations. First, Paul's Jewish influence, permeated by his life in Tarsus, thus being a Jew of the diaspora. Second, his Greek, Hellenistic influence, where arguments, terms and ideas of the apostle of the Gentiles point to a reading in dialogue with Platonic and, above all, Stoic philosophical thought. Thus, the article concludes by reflecting on the importance of a study of Paul that contemplates this reality and, with this, aims to contribute to the understanding of the propagation of the gospel in early Christianity.

KEYWORDS

Paul. *Corpus Paulinum*. Pauline Theology. Judaism. Hellenism.

INTRODUÇÃO

Paulo é um personagem extremamente conhecido, sua vida e seus escritos continuam sendo objeto de interesse de muitos pesquisadores e de cristãos. O que ele escreveu faz parte da história, da recepção e dos desdobramentos do movimento de Jesus. Conhecido como o apóstolo que foi comissionado para pregar aos gentios, seus argumentos ajudam a compreender a ação de Deus na história por meio da salvação pela graça. Para conhecer a vida e a teologia desse apóstolo é indispensável o estudo da cultura judaica e helênica e, como consequência, a cidade que ele nasceu e a que estudou exerceram grande influência na sua abordagem teológica. Essas cidades são: Tarso e Jerusalém.

A partir desse caminho, o presente artigo busca investigar, de forma panorâmica, como a tradição judaica e grega exercessem um papel significativo na interpretação dos ensinamentos do apóstolo dos gentios. Muitas vezes, pesquisas neotestamentárias esquecem que as fronteiras na antiguidade eram fluidas e, por causa disso, inserem Paulo em uma redoma de vidro, como se não tivesse sido influenciado pelas questões do seu tempo.

Portanto, esse texto busca seguir o caminho das interações culturais que devem sempre permear os estudos do Novo Testamento. Para tanto, o artigo está dividido em dois momentos, além da introdução e das considerações finais. Primeiro, a influência judaica de Paulo, atravessada por sua vida em Tarso, sendo assim um judeu da diáspora. Segundo, sua influência grega, helenística, onde argumentos, termos e ideias do apóstolo dos gentios apontam para uma leitura em diálogo com o pensamento filosófico platônico e, sobretudo, estoico. As considerações refletem sobre o que foi exposto.

1. A INFLUÊNCIA DO JUDAÍSMO NO CORPUS PAULINUM

Quando escreve para a comunidade de Roma, Paulo menciona que era judeu: “Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim” (Rm 11.1). Em um outro momento, Paulo deixa claro que seguiu a tradição judaica de seus pais: “circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu” (Fl 3.5).

Conforme registrado por Lucas em Atos dos Apóstolos, o apóstolo era judeu nascido em Tarso, na Ásia Menor: “Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia; e rogo-te que me permitas falar ao povo” (At 21.39). Em outra ocasião, ao se defender, ele não apenas diz que era judeu, mas que estudou em Jerusalém: “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje” (At 22.3).

Assim, de acordo com Lucas, Paulo teria cidadania romana – informação que não aparece nos seus escritos – e teria ido a Jerusalém ainda jovem para aprender com Gamaliel onde “recebeu uma educação rigidamente judaica e se tornou membro da seita dos fariseus” (KOSTER, 2005, p. 114) já que “foi para Jerusalém para se formar no conhecimento da Escritura e da tradição, na escola de Gamaliel, um destacado dirigente do movimento dos fariseus” (HEYER, 2009, p. 13). Gamaliel I foi um mestre da Torá muito prestigiado em Jerusalém e, conforme At 5.34-39, pertencia ao sinédrio (SCHNELLE, 2010). Essas informações são relevantes para a compreensão da imagem do apóstolo dos gentios fornecida por Lucas, uma vez que “qualquer pessoa que fosse formada aos pés desse venerável e respeitado mestre poderia ser considerado especialista na Escritura e na tradição” (HEYER, 2009, p. 23).

O farisaísmo aparece como um movimento de renovação religiosa e nacional entre os leigos da classe média e parte do sacerdócio. O grupo dos piedosos formou o pano de fundo da revolta dos Macabeus na década de 160 a.C. Em vez de aceitarem a cultura e a religião dos gregos, estes judeus insistiram em conhecer e obedecer a Lei do seu próprio Deus em toda a extensão possível (OTZEN, 2003). Uma das dificuldades com a Lei de Moisés, porém, é que em muitos lugares ela é ambígua. Por exemplo, os Dez Mandamentos dizem aos judeus que guardem o sábado sagrado, mas em nenhum lugar a Torá indica precisamente como isso deve ser feito.

Os fariseus criaram regras e regulamentos para ajudá-los a guardar esta e todas as outras leis de Moisés. Estas regras eventualmente formaram um corpo de tradição que, seguindo o exemplo acima, indicava o que uma pessoa poderia ou não fazer no dia de sábado para mante-se sagrado ou separado de todos os outros dias. De acordo com Skarsaune (2004, p. 125), o “objetivo é impedir que haja qualquer oportunidade mínima que seja de quebra dos mandamentos bíblicos”. Assim, quando finalmente foi determinado que um judeu fiel não deveria fazer uma longa viagem no sábado, os fariseus discutiam o que era uma viagem “longa” e, conseqüentemente, que distância um judeu poderia viajar neste dia sem violar sua santidade. Da mesma forma, um trabalhador que acreditasse que não deveria trabalhar no sábado tinha que saber o que constituía “trabalho” e o que, portanto, poderia e não poderia ser feito.

Nas pesquisas sobre o pensamento e a teologia do apóstolo, é possível encontrar elementos da vertente farisaica “ora apontando direcionamentos e, em outros momentos, servindo como contraponto. Dentro dessa relação, percebemos a Halaká como uma das chaves hermenêuticas para os escritos de Paulo” (LUIZ, 2012, p. 147). A Halaká, também grafada como Halakhá, são as interpretações das regras, leis e normas contidas nos textos bíblicos. Esses regulamentos estão relacionados com todos os aspectos da vida religiosa judaica. É diferente da Hagadá, que é uma explicação ou exposição das narrativas bíblicas que se encontram no Pentateuco (FRANCISCO, 2008).

Com isso, tem-se que a Halaká é o principal caminho de interpretação da Torá na época de Paulo, uma vez que o “rabinismo farisaico, que já dominava a sinagoga nos dias de Jesus, vê-o como uma suma de ordens e proibições que podem ser praticadas sem maiores problemas” (GOPPELT, 2002, p. 118). Outro ponto importante a ser mencionado sobre a Halaká é que “não é apenas a interpretação da Tora, mas também direito consuetudinário, que é fundamentado posteriormente na Tora” (GOPPELT, 2002, p. 118). Com base nos argumentos de Paulo em Gálatas, é possível observar que

o apóstolo Paulo faz uma releitura do AT dentro de um esquema rabínico, fato inédito nos escritos neotestamentários e que o diferenciou dos demais escritores canônicos do NT. Essa releitura rabínica é conhecida como Midrash, que, geralmente, se apresentava com características legislativas em especial a que observamos na Halaká. Esse esquema rabínico nos seus escritos, a partir da releitura do AT, apresenta um estilo literário que o identifica a partir do uso frequente das antíteses, que, no caso do *Corpus Paulinus*, não se trata de um simples recurso literário, mas de uma característica presente no pensamento de Paulo como sendo antitético (LUIZ, 2010, p. 148-149).

Portanto, para os mestres fariseus, a Halaká estava em pé de igualdade com a Torá, isso porque ela seria uma espécie de tradição oral secreta que foi proveniente de Moisés (GOPPELT, 2002, p. 119). Paulo era “alguém que seguia o judaísmo com seriedade e zelo” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 244) e “a adoção do estilo helenístico em nada prejudicava a sua identidade” (LUIZ, 2010, p. 151). Em Atos dos Apóstolos, temos o relato de que Paulo, quando estava perante o Sinédrio, declarou que era filho de fariseu: “Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado (At 23.6)!”.

Por ser filho de fariseu, Paulo então teve uma educação judaica nos moldes de alguém que nasceu na região da Palestina, mesmo sendo um judeu da diáspora. Ele foi então,

educado nos moldes judaicos, após o período de educação Peréstica, onde cabia ao pai a obrigação formal de ensinar a religião aos filhos, Paulo de Tarso fora, como os demais meninos judeus, levado a aprender a parte essencial da lei Judaica. O conteúdo era centrado no quinto e sexto capítulos de Deuteronômio, os salmos que, como um hinário, eram cantados nas festas e nas datas mais importantes do calendário religioso (SILVA, 2010, p. 23).

Era algo presente na cultura da família de Paulo: “Fazia parte da formação judaica utilizar o livro sagrado para ensinar. No século I d.C., na Palestina, um menino judeu terminava seus estudos por volta dos 13 anos, quando ingressava por dois anos ou mais anos na escola grega, sendo mais tarde enviado a um nível superior de estudo” (RIBEIRO, 2010, p. 49). Havia um forte sentimento que guiava os objetivos de Paulo e que “contribuiu para que conservasse o monoteísmo de seus antepassados Abraão, Isaac e Jacó, mesmo tendo convivido com a confusão politeísta e panteísta de uma época histórica” (BARBOSA, 2006, p. 39-40). Paulo como um mestre do judaísmo era um monoteísta inflexível (Gl 3.20; Rm 3.30) e demasiadamente ignorava a religião pagã (Cl 2.8), além disso era completamente avesso a idolatria (1Co 10.14,21) e obviamente a imoralidade também (Rm 1.2; 4.3). Além disso, o apóstolo acreditava que a escritura judaica era divinamente inspirada (2Tm 3.16) (LADD, 2003).

Monica Selvatici diz que

Paulo não relê a tradição de seus pais através de “olhos helenísticos”, como fazem os judeus alegorizadores [...]. Muito ao contrário, ele mantém sua visão de mundo balizada pelas categorias judaicas escriturais, sustentando a noção de que o mundo não judaico, tal como ele é, corresponde ao lugar das trevas, do vício e da idolatria e que suas comunidades cristãs são, em sentido inverso, o verdadeiro lugar da salvação (SELVATICI, 2002, p. 43).

O judaísmo da diáspora concentrava suas práticas litúrgicas quando se reuniam nas sinagogas. Essa reunião contava também com a presença de prosélitos, ou seja, gentios que se converteram à fé judaica e aceitam todas as suas práticas, sobretudo a circuncisão. Embora não sejam considerados como plenamente judeus, eram obrigados a observar o conjunto da Lei. E também havia os chamados os tementes a Deus, que também eram gentios atraídos pela religião judaica, mas recusam algumas de suas práticas, sobretudo a circuncisão.

No livro de Atos dos Apóstolos esses últimos aparecem em demasia como “aqueles que temem a Deus” ou “tementes a Deus” quatro vezes (At 10.2,22,35; 13.16; empregando o verbo grego φοβέω). Também os chama de “aqueles que adoram” ou “adoradores” quatro vezes (At 13.43,50; 17.4,17) e, de modo mais completo, “aqueles que adoram a Deus” ou “adoradores de Deus” duas vezes (At 16.14; 18.17; com o verbo grego σέβομαι). São claramente distinguidos dos judeus, por exemplo, nestas frases: “Homens de Israel, e vós que temeis a Deus” (13.16), “judeus e prosélitos” (13.43), “mas os judeus instigaram algumas senhoras... devotas” (13.50), “judeus... gregos devotos” (17.1,4) ou “judeus e os adoradores de Deus” (17.17).

Os simpatizantes ricos davam proteção política e assistência econômica para a minoria judaica quando ameaçada nessas cidades pagãs. A missão de Paulo aos pagãos ou gentios não se concentrava primeiramente nos plenos judeus nem nos puros pagãos, mas nesses intermediários tementes a Deus ou adoradores de Deus ou, para dizer mais simplesmente, nos simpatizantes.

Toda a educação judaica recebida e, principalmente, os ensinamentos de Gamaliel, sem dúvida, marcaram muito a vida de Paulo, “pois em suas epístolas, em especial a escrita aos Romanos, nos capítulos 7 e 8, descreve com minúcias a Lei e as suas limitações para a formação integral do homem cristão” (SILVA, 2010, p. 26).

2. A INFLUÊNCIA DO HELENISMO NO CORPUS PAULINUM

Na teologia paulina podemos encontrar um mundo de informações, culturas e automação de conhecimento e uma série de possibilidades de investigação por parte dos estudiosos. Neste ponto estaremos abordando apenas algumas informações desse multi-universo paulino.

2.1 HELENISMO E HELENIZAÇÃO

No século XIX, o conceito de Helenismo surge com Droysen (1836) e diz respeito a disseminação do sistema de educação e governo grego levado para todo o Oriente e que foi iniciado pelas conquistas de Alexandre, o Grande. Sua definição, bem como as posteriores (séc. XIX e XX), estão mais preocupadas com o seu próprio tempo do que com a Antiguidade. Isso significa dizer que as mesmas têm como pano de fundo o vulto do imperialismo europeu (séc. XIX e XX) em que as conquistas de Alexandre e a expansão grego-macedônica são interpretadas como uma missão civilizadora (KOSTER, 2005).

No século XXI, o conceito é libertado do colonialismo europeu. Sendo assim, temos agora um conceito de mão dupla, pois ao mesmo tempo que o exército grego-macedônico compartilha seu conhecimento, ele também recebe dos outros povos seu conhecimento. Ocasionalmente, com essa interação cotidiana de culturas, uma transformação de elementos (KOSTER, 2005).

Já a helenização seria uma forma de vida parecida com o dos povos Hêladiano, com o processo de crescimento territorial grego e o contato com outras culturas, fez com que houvesse uma mistura cultural, ou seja, os gregos não apenas influenciaram com a sua cultura, mas também sofreram influência, em outras palavras, a helenização seria a adaptação da cultura grega a um local diferente do mundo Hêladiano, como aconteceu com Roma, por exemplo. É o termo para explicar o processo da difusão da cultura do antigo povo da Hêlade, especificamente a língua (KOSTER, 2005).

2.2 O DIÁLOGO ENTRE HELENISMO E PAULO

Os pesquisadores Packer, Tenney e White Jr (2006, p. 5) salientam que “os gregos e seu programa de helenização lançaram a base para cultura da era do Novo Testamento”. Inúmeros conflitos e batalhas históricas que ocorreram na época de Jesus e da igreja foram oriundas da administração política de Alexandre, o Grande, e de seus sucessores. Levando em conta esse pano de fundo para o estudo da vida do apóstolo dos gentios, é extremamente importante conhecer em linhas gerais o papel do helenismo na vida desse homem cosmopolita, pois certamente isso ajudará a compreender a sua vida e sua teologia.

Alexandre e seus feitos como líder militar são incomparáveis, uma das grandes conquistas realizada por ele foi a grande influência exercida pela língua grega, mais do que isso, simplificar essa alfabetização por meio de uma linguagem mais adaptada, isto é, um grego mais comum e depois disso a língua grega se tornou a língua universal que passou a ser falada tanto no comércio como na diplomacia (GUNDRY, 2007). Hale (2001, p. 12) informa que a língua grega transformou a automação da informação, pois por meio “da propagação do idioma grego, a língua franca, o mundo capacitou-se para a comunicação”.

Desta maneira, é perceptível que a influência da cultura grega, especificamente a língua grega, uma vez que derrubou as muralhas que alienavam as pessoas, quebrou as barreiras étnicas, racionalistas e nacionalista (HALE, 2001, p. 12). Paulo nasceu em Tarso, como foi mencionado anteriormente, a partir do texto de Lucas em Atos 22.3, “uma cidade helenística da região oriental da Ásia Menor” (HEYER, 2009, p. 13). A cidade natal do apóstolo Paulo era uma grande metrópole de avançados estudos. No contexto da vivência de Paulo, a cidade era tão boa quanto Atenas e a famosa cidade de Alexandria, fundada por Alexandre, o Grande (HALE, 2007, p. 197). Ribeiro (2010, p. 49) declara que aquele lugar, ou seja, Tarso “possuía uma escola de ensino superior que era equiparada às de Atenas e Alexandria, as mais eminentes escolas superiores da antiguidade”.

Uma vez que observamos que a cidade natalícia do apóstolo Paulo era Tarso. Em Tarso “o Estoicismo era a filosofia dominante” (SILVEIRA; CALDAS, 2022, p. 38) era, de certa forma, a “terra natal do estoicismo” (SILVA, 2012, p. 17). E certamente, por ter nascido nessa cidade, Paulo teve contato em algum momento com a língua grega, em outras palavras, Paulo era “um judeu muito helenizado” (CERFAUX, 2012, p. 30). Teve uma educação helenística privilegiada, pois era “capaz de falar e escrever a língua universal do comércio no império. A sua formação também lhe dava condições de organizar seus argumentos teológicos dentro da lógica do pensamento grego” (GEORGE, 2012, p. 212), no livro de Atos no capítulo 21 podemos perceber através de seu discurso paulino que ele falava grego. Paulo, na verdade, “tem suas raízes no judaísmo helenista de seu tempo” (SCHNELLE, 2010, p. 78), destarte a cidade natal era uma cidade de cultura grega, onde teve sua formação helênica e que, por isso, “a base filosófica de Paulo é fortemente helenística” (MAZZAROLO, 2019, p. 2).

Mazzarolo (2019, p. 2) destaca que Tarso era uma “[...] cidade muito helenizada, transformou o ambiente familiar do jovem Paulo (Saulo)”. Ele ainda diz que

Essa formação pluricultural permitiu a Paulo a abertura e o trânsito, como cristão, nos ambientes regidos pelo politeísmo da cultura greco-romana. A flexibilidade, adaptação e a inculturação do Evangelho foram, ao menos em grande parte, frutos dessa convivência com o helenismo (MAZZAROLO, 2019, p. 4).

Nos escritos paulino podemos encontrar elementos que caracterizam uma grande aproximação com o helenismo uma vez que muitas expressões usadas por Paulo não encontramos na literatura judaica a saber: ἐγκράτεια que pode ser traduzida por autocontrole (cf. Gl 5.23), a expressão εὐσχημοσύνη, (cf. 1Co 12.23) assim como suas variações (Rm 13.13; 1Co 7.35; 12.24; 14.40; ITs 4.12), trazendo a ideia de decoro; o termo παιδαγωγός, que pode ser traduzida como tutor, aio (1Co 4.15; Gl 3.24-25); a expressão muito usada na teologia paulina que é a parousía, que se refere a volta do Senhor e usado tanto no sentido histórico-biográfico (1Co 16.17; 2Cor 7.6-7; 10.10; Fl 1.26; 2.12) quanto no sentido cristológico-escatológico (1Co 15.23; ITs 2.19; 3.13; 4.15; 5.23), a expressão πολίτευμα de vem de πόλις que se refere ao aspecto de cidadania (Fl 3.20, com o verbo πολιτεύεσθαι que remete a ideia de ser tornar um cidadão em Fl 1.27) podemos encontrar muitos outros textos na teologia de Paulo que é possível fazer a relação (PENNA, 2009, p. 58).

Através dessas expressões fica evidente que essas palavras não são embasadas na literatura judaica e só podem ser explicadas a luz dos conceitos helênicos e por conta disso por meio do estudo da língua tem-se que uma das bases do apóstolo Paulo é a cultura grega (PENNA, 2009). Ladd contudo explica que apesar de fazer uso das ideias gregas, Paulo usa de modo bem distinto

Seu estilo é, muitas vezes, parecido com a diatribe estóica; pois usava palavras como consciência (syneidêsis, Rm 2.15), natureza (physis, Rm 2.14), coisas que não convêm (mêBkathékonta, Rm 1.28), contentar (autarkês, Fp 4.11), termos que pertencem distintamente ao mundo do pensamento grego. No entanto, o uso, que faz, de termos gregos não implica na apropriação das idéias religiosas

da Grécia. Palavras como mistério (*mystêrion*) e perfeito (*teleios*) pertencem ao mundo das religiões de mistério; mas Paulo as usa de modo decididamente distinto (LADD, 2003, p. 519).

Paulo se comunica muitas vezes de forma helenística e isso não há como negar a influência helenística, isso quer dizer que Paulo, apesar de fazer o uso distinto, usa as expressões e os conceitos helênicos. Mazzarolo (2019, p. 21), por exemplo, diz que “Paulo usa de modo claro e explícito os mecanismos da linguagem helenística para apresentar aos seus ouvintes e leitores Cristo como mistério de Deus (1Co 2,1.7; 4,4; Rm 11,25; 16,25)”. Destarte, Paulo dialoga com o helenismo, pelo fato de ser filho do seu tempo, a fim de apresentar a Cristo. Com isso, dá uma nova visão, uma nova roupagem sobre tais expressões usadas pelos helênicos e por ele mesmo como sendo um dos pares.

Nos textos do *corpus paulinum* é possível verificar inúmeras influências tanto do judaísmo quanto do helenismo. “Além disso, suas cartas permitem perceber que ele, sendo um judeu da diáspora estava em condições de assimilar em alta medida material de educação helenística” (SCHNELLE, 2010, p. 175). Segundo Koester (2005, p. 114) “suas cartas revelam um tal domínio do grego e conhecimento das ideias filosóficas populares e habilidades retóricas”.

Uma das grandes influências no *corpus paulinum* é a LXX (Septuaginta), tradução do hebraico para o grego e que foi usada dos séculos IV e II a.C. para ser usada pela comunidade da época e foi exatamente a língua usada pelos judeus da Diáspora e certamente foi a Bíblia usada por Paulo que era da diáspora (BARBOSA, 2006, p. 42). Gorman (2022, p. 103) fala que: “Como judeu da diáspora, ele teria estudado as Escrituras de Israel em grego, usando a Septuaginta (LXX) e talvez outras versões gregas dos escritos sagrados”. Nesse contexto da diáspora, o ensino ministrado nas sinagogas era feito em grego assim como as demais áreas da liturgia (BARBOSA, 2006, p. 42), pois: “A interpretação da Escritura Sagrada e a pregação eram feitas, evidentemente, em grego” (BARBOSA, 2006, p. 42). Por essa razão foi possível a elaboração da Mishna grega, que foi o acervo grafado das normas que oralmente foram transmitidas.

Outra grande influência foi o método retórico, muito usado no estoicismo. E Paulo estudou retórica e desenvolveu habilidades para debater no estilo conhecido como diatribe (SCHNELLE, 2010, p. 86). Segundo Barbosa (2006, p. 42), “Paulo recorre a alguns elementos da diatribe ou do debate em uso entre os mestres e propagadores do estoicismo popular”. Encontramos nos textos paulinos muitas relações com a diatribe. Dentre os “textos paulinos fortemente influenciados pela diatribe são 1Cor 4,6-15; 9,1-18; 15,29-49; Rm 1,18-2,11, 8,31-39; 11,1-24 (cf., além disso, 1Cor 6,12-20; 12,12-13; 2Cor 11,16-33; Rm 2,17-24; 7,7-15)” (SCHNELLE, 2010, p. 87). Podemos então resumir o *corpus paulinum* da seguinte maneira: “1) Hebreu, por nascimento e religião 2) se exprime na língua e nas formas do helenismo; 3) é um cidadão romano que se enquadra lealmente no quadro do império” (BRODEUR, 2015, p. 150). Cardoso (2009, p. 245) colabora com isso, afirmando que

O modo do Paulo se relacionar com judaísmo e com helenismo refletem tanto sua origem e sua formação, como sua identidade cristã e sua atitude ao mesmo tempo evangelizadora e dialogal. Até a missão não suprime o diálogo nem muito menos as origens (CARDOSO, 2009, p. 245).

Além da aproximação com a filosofia estoica, Paulo ainda se aproxima da filosofia platônica. “Paulo tem em comum com os platônicos o entendimento de Deus como ser imaterial” (PAIGE, T. 2008, p. 567) ao mesmo tempo tem semelhança com a filosofia estoica quando aborda que Deus é imanente, ou seja, Deus se manifesta no mundo, o divino se faz conhecido. Quando Paulo diz, por exemplo, “tudo é dele, e por ele, e para ele” é um conceito que tem suas raízes no estoicismo (Rm 11.36; cf. Cl 1.16) (PAIGE, T. 2008, p. 567).

Sabemos por meio de Lucas (At 17.28) que Paulo faz uso poesia grega como forma de apoiar seu argumento na ágora de Atenas no encontro que ele teve com os estoicistas e epicuristas e assim faz citações de Epimênides quando diz: “Pois é nele que nós temos a vida, o movimento e o ser” e o poeta estoico Áratos quando diz: “pois nós somos de sua raça” (PAIGE, T. 2008, p. 567). Gorman comenta a esse respeito que reforça essa ideia: “Como parte de sua educação helenística, ou talvez meramente respirando o ar intelectual de tarso (e de sua família), ele também foi exposto ao estoicismo. [...] Métodos estoicos de argumentação, ideias e termos aparecem nas cartas” (GORMAN, 2022, p. 103). O contato com a filosofia estoica provavelmente moldou a ética de Paulo.

Seu estilo de vida foi influenciado por essa filosofia que diferente das demais não é meramente teórica, é um estilo de vida.

Paulo teve certamente a oportunidade de conhecer este tipo de pensamento e dele assimilou certos traços éticos, como o ideal de autossuficiência (Cf. Fil 4,11; 2Cor 9,8; 1Tm 6,6); do domínio de si (Cf. 1Cor 7,9; 9,25; Gal 5,23); e alguns conceitos filosófico-religiosos, como a transparência de Deus no mundo (Cf. Rm 1,19-20) (BRODEUR, 2015, p. 154).

Ao Schnelle falando sobre a compreensão religiosa paulina diz que

Dessa forma, o pano de fundo biográfico religioso e intelectual do pensamento paulino não pode ser definido de modo monocausal ou alternativo. Antes foi marcado por três grandes correntes de tradições: 1) o Antigo Testamento; 2) o judaísmo helenista; 3) as tradições filosófico-populares do helenismo greco-romano. Esses três âmbitos estão numa interligação múltipla e complexa e formam simultaneamente o pano de fundo e o contexto do pensamento paulino (SCHNELLE, 2010, p. 93).

Portanto, à luz dessas informações podemos ratificar que há elementos da filosofia estoica na argumentação paulina. Segundo Silveira (2022, p. 90) quando Paulo trata das questões presentes em 1Co 7 e 8 sobre os homens e as mulheres e os escravos, o caminho é o diálogo “com as ideias oriundas da ética estoica, bem como sua discussão sobre os fortes e os fracos na comunidade teria por de trás o entendimento da concepção estóica do termo λόγος”.

O conhecimento das discussões estoicas e cínicas sobre o casamento é essencial para a compreensão das declarações de Paulo sobre casamento e celibato em 1 Coríntios 7. Segundo Fredrikson (apud YARBROUGH, 2008, p. 369-370):

Paulo “segue um padrão estabelecido pelos filósofos morais cuja preocupação era fazer da paixão e do seu controle o problema ético central em todas as questões da vida”. Citando Epicteto, Musônio Rufo, Sêneca e outros, ele encontra “abundantes referências à natureza nas descrições da vida ideal passada em atender às necessidades sem ceder às paixões”.

As palavras “é bom para o homem” (καλόν ἀνθρώπου) também pode ter raízes filosóficas. Os estóicos não apenas identificaram os conceitos καλόν e αγαθόν em sua famosa máxima, “só o moralmente belo (τὸ καλόν) é bom (ἀγαθόν)” (SVF 3.9.23-11.24), mas o uso de ἀγαθόν ἀνθρώπου por Musônio Rufo mostra que a atividade de determinar o que é “bom para um homem” não é uma ideia casual, mas fundamental para a sua compreensão do empreendimento filosófico.

Aconselhando um rei sírio, Musônio afirma: “Tu imagina ... que é mais apropriado para alguém estudar filosofia do que para ti, nem por qualquer outra razão que não seja porque tu és um rei? Pois o primeiro dever

de um rei é ser capaz de proteger e beneficiar os homens (ἄνθρωποι), e um protetor e benfeitor deve saber o que é bom para um homem (τί μὲν ἀγαθόν ἀνθρώπῳ) e o que é mau” (KING, 8.1, 2011, p. 40).

Expressões semelhantes também desempenham um papel importante nas filosofias de outros estoicos. Mas é sempre importante destacar, que as comparações revelam não apenas semelhanças impressionantes entre Paulo e os estoicos, mas também diferenças. E muitos dos recursos que tornam a visão de mundo de Paulo diferente do estoicismo são vistos no judaísmo. No entanto, os estudiosos devem continuar a ir além da divisão judaísmo/helenismo, para não se concentrar em um contexto, excluindo o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos paulinos encontram-se esses vários mundos culturais envolvidos, que se dão pelo fato de ele ser um judeu zeloso, tanto de nascimento, quanto por causa da fé judaica de seus antepassados. Além disso, falava de acordo com os costumes helenísticos, e isso certamente explica a razão do porquê de praticamente todo o seu ambiente ministerial ter se dado no mundo grego, apesar de suas raízes judaicas. Ademais, Paulo fez uso da retórica grega e apreciava fortemente a língua grega, uma língua apesar de comum, mas universal dentro do seu contexto. Por ter a cidadania romana Paulo encaixava-se corretamente no contexto social em que vivia que era dentro do cenário político do império romano, o que lhe dava, obviamente, segurança para circular entre os procuradores romanos e demais autoridades civis e também religiosas (SILVA, 2012, p. 14).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, C. A. S. **Paulo: o homem de Tarso**. Rio de Janeiro: JUERP, 2006.
- BÍBLIA de Estudo Genebra. 2.ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BRODEUR, S. N. **A dispositivo típica das cartas paulinas: tese e probatio segundo o ensinamento de Aristóteles**. Texto apresentado numa conferência dada no auditório G2 da Universidade Católica de Pernambuco, em agosto de 2015. nº 1, jan/jun 2015, p. 149-168. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/620/489>. Acesso em: 01 de abril de 2024.
- CARDOSO, M. T. de F. Paulo e o ecumenismo. **Revista Atualidade Teológica** do Dpto. de Teologia da PU-C-Rio. Ano XIII nº 32, maio a agosto/2009, p. 242-265. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18307/18307.PDF>. Acesso em: 29 de março de 2024.
- CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CERFAUX, L. **O Cristão na teologia de Paulo**. Tradução de José Raimundo Vidigal. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.
- FABRIS, R. **Paulo: Apóstolo dos gentios**. 5.ed. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FRANCISCO, E. F. **Manual da Bíblia Hebraica**. 3.ed. Revisada e Ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GEORGE, J. **De Adão a Jesus: O perfil de 50 personagens que mudaram a história**. Tradução de Maria de Lourdes Vaz Sppezapira. Rio de Janeiro: Graça, 2012.
- GOPPELT, L. **Teologia do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Teológica, 2002.
- GORMAN, M. J. **O apóstolo do Senhor crucificado: uma introdução teológica a Paulo e suas cartas**. Tradução de Wilson Ferraz de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2022.
- GUNDRY, R. H. **Panorama do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- HALE, B. D. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HAWTHORNE, G. F.; MARTINS, R. P.; REID, D. G. (orgs.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova/Paulus/Loyola, 2008.
- HEYER, C. J. **Paulo: um homem de dois mundos**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2009.
- KING, C. **Musonius Rufus. Lectures & Sayings**. Carolina do Sul: CreateSpace, 2011.
- KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 2.
- LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LUIZ, R. R. Helenismo versus judaísmo: limites e tensões do corpus paulinus. **PARALELLUS Revista de Estudos de Religião - UNICAP**, Recife, PE, Brasil, v. 1, n. 1, p. 143-153, 2012. DOI: 10.25247/paralellus.2010.v1n1.p143-153. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/105>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MAZZAROLO, I. A importância do helenismo no pensamento do Apóstolo Paulo. *Theologica Xaveriana* 188 (2019): 1-24. <https://doi.org/10.11144/javeriana.tx69-188.ihpap>. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/teoxaveriana/article/view/25983/22206>. Acesso em: 27 de março de 2024.

OTZEN, B. *O Judaísmo na Antigüidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PACKER, J. I.; TENNEY, M. C.; WHITE JR, W. *O mundo do Novo Testamento*. Tradução de João Batista. São Paulo: Vida, 2006.

PENNA, R. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. *Revista Atualidade Teológica* do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII nº 31, janeiro a abril/2009, p. 55-91. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18333/18333.PDFXXvmi. Acesso em: 27 de março de 2023.

RIBEIRO, J. B. dos S. *A apologia de Paulo na segunda carta aos Coríntios: uma análise retórica*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14622/1/JOELMA%20BATISTA%20DOS%20SANTOS%20RIBEIRO.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2024.

SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Paulus, 2010.

SELVATICI, M. Paulo de Tarso e o Judaísmo no contexto dos estudos sobre o fenômeno do helenismo. *Héla-de*. v.3, n. 1, 2002. Disponível em: https://www.helade.uff.br/Helade_2002_volume3_numer01.pdf. Acesso em: 31 mar. 2024. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/helenismo/>. Acesso em: 27 de março de 2024.

SILVA, A. F. S. da. *O anúncio messiânico na primeira carta aos Coríntios*. Dissertação de Mestrado Integral em Teologia. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10277/1/10277.pdf>. Acesso em: 29 de março de 2024.

SILVA, R. G. do A. da. *A formação do homem ideal em Paulo de Tarso: o amor como elemento formativo*. 146 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp130226.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2024.

SILVEIRA, L. S. Apontamentos sobre a relação de Paulo de Tarso com o Estoicismo a partir de ICoríntios. *Revista Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, jan/jun, 2022, p. 71-92. Disponível em: <https://www.revistacoletanea.com.br/index.php/coletanea/article/view/322/227>. Acesso em 17 out. 2024.

SILVERA, L. S.; CALDAS, M. J. A. *Paulo de Tarso, apocalíptica e estoicismo: aproximações a respeito da vida após a morte*. *Revista Medievalis*, v. 11, n. 1, 2022, p. 37-44. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/medievalis/article/view/53508/30128>. Acesso em: 17 out. 2024.

SKARSAUNE, O. *À Sombra do Templo: as influências do judaísmo no cristianismo primitivo*. Tradução Antivan Mendes. São Paulo: Vida, 2004.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Leipzig: Eubner, 1924. 4 vols.